

Protagonismo Feminino No Século XX: Reflexões Sobre Atuação Da Mulher No Jornal Folha De Caxias¹

Sabrina Silva de ALMEIDA²

Pós-graduanda

Thiago Henrique de Jesus SILVA³

Mestrando

Resumo

O presente artigo traz como enfoque o protagonismo feminino, durante o século XX, sobretudo ao que se refere à produção jornalística desenvolvida na cidade de Caxias- MA, especificamente, entre os anos de 1963-1969, por compreender que foi um período de intensa modificação na sociedade brasileira e que influenciou diretamente a forma de fazer jornalismo na cidade. O trabalho se propôs a analisar a participação da mulher no jornalismo impresso caxiense e de que forma se deu essa participação. Utilizou-se análise documental como método de pesquisa, tendo como fonte primária o Jornal Folha de Caxias. Além disso, realizou-se também uma pesquisa bibliográfica para explicar a atuação da mulher, no século XX, e as representações sociais construídas durante esse período. Os resultados do estudo evidenciam que, apesar da presença feminina no período em questão, as matérias produzidas remetem à valorização da imagem tríplice esposa-mãe-dona de casa além da defesa de valores morais prevalentes na época.

Palavras-Chave: História da mídia impressa. Jornalismo impresso. Atuação feminina. Papel da mulher.

1. Introdução

As transformações, ocorridas no século XX, estimularam novas possibilidades de atuação da mulher, que deixa de ser apenas dona de casa, esposa e mãe, para ocupar outros espaços como profissional e, assim, contribuir com o sustento da família.

No que tange ao jornalismo, não foi diferente, pois, até então, havia a predominância do sexo masculino escrevendo sobre assuntos voltados para o público feminino, mas o cenário começou a mudar e a mulher passa a assumir essa responsabilidade, ainda que por

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Pós-graduanda em História do Brasil: Sociedade e Cultura pelo Instituto Superior Franciscano (ISF). Formada em Jornalismo pelo Centro Universitário de Tecnologia do Maranhão (UniFacema) e formada em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) E-mail: bynna18@hotmail.com.

³ Mestrando pelo programa em Comunicação na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Formado em Jornalismo pelo Centro Universitário de Tecnologia do Maranhão (UNIFACEMA) E-mail: thyagomiron16@gmail.com

trás de pseudônimos e restrições. Todavia, considerando todas as limitações impostas ao sexo feminino, não se pode negar a importância desta conquista, visto que a mulher ganha representatividade nos mais diferentes espaços. Uma luta que perdura até os dias atuais.

Frente ao exposto, este trabalho se propôs a analisar a participação da mulher no jornalismo impresso caxiense e a forma de sua participação. Para tanto, utilizou-se a análise documental como método de pesquisa, tendo como fonte primária o Jornal Folha de Caxias. A análise foi possível por meio de consultas aos arquivos presentes na Academia Caxiense de Letras (ACL), como por meio de incursões nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Caxias (IHGC). Além disso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica para explicar a atuação da mulher, no século XX, e as representações sociais construídas durante esse período.

Definiu-se, como recorte temporal para a análise, o período compreendido entre 1963 (ano em que o periódico iniciou suas atividades) até 1969, por entender que foi um momento de profundos acontecimentos políticos, culturais e sociais na sociedade brasileira e que implicam.

A Mulher E Seu (s) Lugar (es) Social (is) No Século XX

Histórica e culturalmente, homens e mulheres, ao longo do tempo, desempenhavam papéis sociais distintos. A vida em sociedade impõe expectativas de comportamentos entre os indivíduos. Dessa forma, o lugar social da mulher é assunto de uma ampla discussão frente à desigualdade sexual que implica em dano à figura feminina.

Sobre este assunto, Certeau; Giard e Mayol (2011) explicam que o comportamento é moldado pela conveniência, ou seja, aquilo que se espera do indivíduo nas relações sociais. A conveniência, segundo os autores, é o que reprime aquilo que não convém e é a responsável por eliminar sinais de comportamentos inadequados, tóxicos a reputação pessoal do indivíduo. A conveniência realiza o gerenciamento e promulga as regras do uso social, produzindo, assim, comportamentos estereotipados “prêt-à-porter sociais, que têm por função possibilitar o reconhecimento de não importa quem e não importa que lugar” (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2011, p.49).

Além disso, a conveniência coloca em pauta a diferença entre os sexos. Para os autores, alguns lugares do bairro (representação simbólica da sociedade) são mais, especificamente, marcados por um sexo ou outro. A exemplo, tem-se “o bar do bairro” que

equivale a “casa dos homens”, enquanto o pequeno estabelecimento comercial desempenha o papel de uma “casa das mulheres”, “onde aquilo que se convencionou chamar de ‘feminino’ encontra o lugar do

seu exercício: um bom bate-papo, notícias familiares, conversas sobre gastronomia, a educação dos filhos” (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2011, p.57). Outro aspecto do “bom viver” retratado pelos autores, diz respeito à distribuição dos trabalhos entre os dois sexos, exemplificado através da figura feminina como “responsável” por cozinhar e todas as tarefas relacionadas a esta função.

A partir desse pensamento, conseguimos estabelecer uma relação entre conveniência e lugar social, apresentados por Certeau. Conforme apresenta em A escrita da História (1982), o autor nos remete a seguinte indagação: “Como se produz história?”, pois, para ele, a historiografia é um mecanismo de construção, um fazer. A operação historiográfica é realizada por um sujeito – o historiador – que possui dificuldades inerentes à própria operação historiográfica.

Observa-se que o lugar influencia o discurso, portanto não se deve ignorar este fato, sob pena de produzir discursos anômalos, ainda que, possuam rigor e certa neutralidade. Com esta definição, podemos inferir acerca do lugar social da mulher, ao longo dos tempos, considerando que, até pouco tempo, a figura feminina ocupava espaços “inerentes” à mulher, impostos pela cultura e pela religião. Ou seja, a conveniência, desde cedo, já determinava qual seria o lugar da mulher que, desde a infância, já era preparada para assumir o seu posto de esposa, mãe e dona de casa.

Sem dúvidas, a revolução industrial, foi um divisor de águas, uma vez que, com a larga urbanização e as mudanças nos meios de produção, a mulher passou a trabalhar em fábricas, em ocupações, anteriormente, ocupadas por homens. Contudo, a burguesia aproveitasse da força de trabalho dessa mulher e da sua própria condição “de mulher como inferior”, para promover uma desigualdade salarial, além de condições estafantes de trabalho. Embora a mulher tenha fugido de sua principal função de dona de casa e tenha passado a exercer a função de profissional, ainda assim, era tratada como incapaz, uma vez que a fábrica era um mero espelho da sociedade com todas as suas regras de conveniência.

Burke (1992, p. 64) comenta que, de fato, a história da mulher começa a ganhar notoriedade, na década de 1960, com o início do movimento feminista, período em que as ativistas feministas reivindicavam uma história estabelecida por heroínas, prova da atuação das mulheres, e, também, explicações sobre a opressão e inspiração para a ação. Mazza

(2015) corrobora com esse pensamento ao enfatizar que foi, somente no século XX, que o papel da mulher realmente mudou. O recrudescimento dos movimentos feministas desencadeou uma série de conquistas, entre elas, o direito de voto ocorrido no Brasil em 1932 na Era Vargas com o decreto n°. 21.076.

Jornalismo Destinado Às Mulheres E Às Representações Construídas

Ao surgir no país, a imprensa esteve intimamente ligada às questões de ordem política. Foi através dos jornais que os grandes debates políticos ocorreram, mas não só de política viviam os jornais, deram espaço para a arte, a literatura, música, enfim, a cultura em sentido amplo e puro, porém, sem dúvida, a dimensão política teve um papel significativo, por isso não é exagero pensar a imprensa, enquanto uma instituição que foi e ainda é uma instância comunicativa de dimensão política.

Esse papel atribuído à imprensa é significativo, já que, de fato, foi por meio da imprensa, entre outros meios, que diversos discursos políticos-ideológicos se espalharam pelo país, como por meio dos jornais que grandes poetas, antes anônimos, entraram para a história do nosso país. Assim, muitos discursos, inclusive, discriminatórios foram também expostos por meio dos periódicos que circularam no país desde o século XIX (FERREIRA, 2010).

Os primeiros jornais com temática dedicada às mulheres não, necessariamente, tinham em seus quadros articulistas do sexo feminino, pois, de acordo com os historiadores da imprensa nacional, embora existissem publicações ou colunas de periódicos voltadas para o público feminino, desde o século XIX, muitas destas colunas e publicações tinham como articulistas homens, os quais escreviam imaginando o universo feminino, ou seja, homens que escreviam para as mulheres como se as entendessem.

Os homens que escreviam para o público feminino estavam pautados pelos estereótipos, pelas representações de uma sociedade marcada por convenções em que a mulher era vista como inferior. Essa questão só passa a mudar na medida em que as próprias mulheres começam a ocupar os espaços nas redações. Ressalta-se, porém, mesmo elas entrando como articulistas, o discurso machista e enviesado, cheio de estereótipos, típicos dos jornais da época, não mudou de imediato, pois as mulheres reproduziam os mesmos estereótipos, como por exemplo: geralmente, só falavam de determinadas temáticas, tais como: culinária, moda, poesia ou coisas do tipo.

Apesar dessa situação, de todas as dificuldades enfrentadas, as mulheres foram, aos poucos, conquistando seus espaços e com o tempo as temáticas que elas lidavam nos jornais não se restringiam àquelas identificadas, tipicamente, na visão de senso comum, como pertencente ao universo feminino, assim, passaram a lidar com questões relativas ao universo político, temática antes restrita aos homens. Bandeira (2015, p 30) relata que, no Brasil do século XIX, as atividades das mulheres em jornais foram expressivas. Apesar de publicações voltadas para assuntos femininos como moda, culinária e cuidados domésticos, houve ainda conteúdos que problematizavam a “condição da mulher”.

Observa-se, pelo exposto, que o jornalismo feito por mulheres, bem como, destinado às mulheres transpôs os estereótipos típicos de que se falara anteriormente, indo além, debatendo a condição da mulher numa sociedade ainda bastante patriarcal. Esse pioneirismo de muitas mulheres, obviamente, que sofrera ataques, reações por parte daquela sociedade conservadora, altamente estratificada, que não aceitava as mulheres com voz ativa nos grandes debates travados no momento histórico em questão.

As mulheres só passaram a ter espaço no seio social, quando elas mesmas foram atrás desse espaço e de liberdade, enquanto os jornais tinham homens como articulistas, que escreviam para o público feminino, essas mulheres não possuíam de fato um espaço no meio jornalístico.

À medida que essa situação foi mudando, passaram a ter voz ativa na sociedade, claro que não de forma imediata e nem tampouco no nível que se desejava, mas ainda assim, foi importante. As representações estereotipadas, distorcidas e marcadas pelo jogo de interesses das classes dominantes e inseridas em uma sociedade, altamente, conservadora que via o papel da mulher de forma diversa como se busca na atualidade, sempre a reduzindo a situações de inferioridade (WOITOWICZ, 2008).

Por ser os primeiros jornais, destinados ao público feminino, inicialmente, produzidos por homens, a representação feminina era pautada, como dito, a partir de uma visão estereotipada, porque baseava-se numa postura de que as mulheres deveriam comportar-se de determinadas formas e não de outras, ou seja, os temas de política, por exemplo, não eram vistos como temas femininos, sempre dando lugar a assuntos mais de caráter doméstico e/ou artístico. Isto revela o caráter de dominação dos homens e que os veículos de imprensa contribuíram para um processo de escamotear a realidade e acomodar os discursos ideológicos.

Ferreira (2015) enfatiza, ao explicar que nas sociedades modernas ocidentais os eventos passados são representados, simbolicamente, por meio das mídias comunicacionais. O autor explica que o intercâmbio simbólico feito pela mídia permite um distanciamento espaçotemporal e, conseqüentemente, com uma nova formatação para o contexto o qual se pretende deslocar. Trazendo para a questão do debate das representações femininas no meio jornalístico, pode-se afirmar que a maneira como a sociedade vai construindo a imagem da mulher tende a influenciar a legislação, questões relacionadas à violência simbólica e física, à ocupação de espaço profissional, de fala entre outros.

Como exemplo da veracidade, evoca-se as observações intelectuais do historiador Roger Chartier, ao tratar da questão, aponta como a simbologia pode construir as representações, por sua vez, inegavelmente, vão interferir na realidade das pessoas, dessa forma, não se trata de meras representações ficcionais. Ele usa, como foco, a análise de duas questões importantes carregadas de simbolismos, a saber: o casamento e o carnaval, os quais possuem uma função política encarregados de exaltar “a glória do soberano, de manifestar o seu poder” (CHARTIER, 1990, p 110).

Revelando que determinados rituais, festividades ou outras práticas, as quais estejam dentro do seio social, como por exemplo, a prática jornalística, podem possuir mais interesses do que apenas aquilo que está aparente. Esse conhecimento se faz necessário para não se enganar pelo viés ideológico de determinados indivíduos ou grupos de interesse. É também vital, para que, a partir de tal compreensão, possa se apropriar para propagar os ideais de emancipação da mulher, frente à situação de exclusão, mesmo com redução, ainda é grandiosa (MOURA, 2018)

Assim o jornalismo, destinado às mulheres, foi sendo construído no Brasil, demorou algum tempo para emitir um discurso calcado na visão da própria mulher e, para isso, as primeiras colaboradoras tiveram que utilizar pseudônimos, dado o alto nível de preconceito e condição da mulher, mas, com o tempo, surgiram os primeiros jornais e revistas produzidos por mulheres e aos poucos muita coisa começa a mudar.

Woitowicz (2008) chama atenção para o surgimento da mídia alternativa feita por mulheres, ainda durante o século XIX, cujas publicações discutiam a participação feminina na política e a mudança de costumes. Inicialmente, produções femininas e depois feministas seguiram as lutas das mulheres por direitos e lançaram as bases para o surgimento de uma imprensa, reconhecidamente, feminista.

Evidencia-se que os estereótipos e as representações partiam da visão masculina e só passaram a mudar na medida em que as próprias mulheres assumiram o debate público,

antes os homens é que davam a tônica. Esse novo discurso surgido no seio social, o qual derivou da atuação das mulheres no jornal brasileiro, influenciou não apenas as mulheres, como também os homens em alguma medida. Isso faz com que direitos, tais como, o de votar surja no Brasil anos depois, provando que as ideias têm importância nas grandes revoluções culturais e sociais que ocorrem na sociedade.

Uma característica marcante da presença feminina na imprensa brasileira é a luta para ocupar espaços e derrubar os estereótipos. É também marcada por, num primeiro momento, um jornalismo destinado às mulheres, mas produzido por homens. Com as mudanças que se processaram ao longo do tempo, foi sendo modificada a representação distorcida que se tinha das mulheres, fundamental e ainda é para que ocupem cada vez mais espaço no jornalismo brasileiro.

Um Jornalismo Feito Por Mulheres E Para Mulheres: A Atuação Feminina No Jornal Folha De Caxias.

A análise que aqui se inicia remonta a década de 1960, período em que o jornal Folha de Caxias começa suas atividades e se fortalece no seio da sociedade caxiense. Primeiramente, apresenta-se uma breve descrição do periódico, suas pretensões e, posteriormente, o enfoque sobre a atuação feminina por entre as páginas do folhetim

Conforme explica Almeida (2019), o jornal *Folha de Caxias* iniciou suas atividades em 03 de fevereiro de 1963, tendo como proprietário o empresário Alderico Jefferson da Silva, apesar de ser natural da cidade de Pedreiras - MA, tornou-se caxiense por vivência, uma vez que sua carreira como empresário e intelectual fora construída neste município. O periódico teve como diretor jornalístico o piauiense Vitor Gonçalves Neto e como diretor-responsável, o Sr. Aldenir Silva.

A equipe editorial do periódico era composta por indivíduos de formação erudita, homens letrados e colegas pessoais de Alderico Silva. Ressalta-se que, Alderico Jefferson da Silva, o filho do Sr. Delfino José da Silva e da Sra. Maria de Jesus da Silva, ficou conhecido por toda cidade e fora dela, por se tornar um dos maiores industriais, não só do município de Caxias, mas em todo o estado. Por possuir grande prestígio econômico e político, cria-se nele um desejo de ter seu próprio periódico, pelo qual poderia expor suas ideias:

Embora não se envolvesse diretamente em, política, gostava de opinar, de falar ao povo de Caxias, de propagar suas ideias. As meras conversas não

eram suficientes para traduzir os seus desejos de alcançar toda a cidade. Vem-lhe à mente um empreendimento: Um jornal. Cria, em 1963, o jornal *Folha de Caxias*, órgão informativo, opinativo e formador intelectual que prestaria valiosos serviços social, político, econômico e cultural a cidade e Caxias e toda a região, além de levar informação para os conterrâneos que se encontravam em outras plagas (SILVA, 2000, p.14.).

A escassez de periódicos no município, aliado aos interesses pessoais do empresário, foi motivo para fundar um órgão de imprensa moderno, independente e noticioso, além do corpo editorial do periódico ser formado por pessoas do mais alto nível intelectual, o que contribuiu, diretamente, para o conteúdo aprimorado do folhetim (ALMEIDA, 2019).

No início de sua circulação no Município, o periódico foi editado para circular semanalmente. Os primeiros exemplares do jornal circulavam de oito a doze páginas passando, posteriormente, a limitar-se a seis. Já em relação aos custos financeiros, ainda com o valor estampado na capa do jornal, o impresso circulava de forma gratuita, o salário da equipe de produção era pago com recursos provenientes de outros investimentos do empresário. O conteúdo seguia o estilo *fait divers*, particularidade do modelo francês, nota-se que o enfoque estava na notícia curta, referindo-se aos acontecimentos do dia-dia, porém o conteúdo político não deixava de integrar as páginas do periódico (ALMEIDA, 2019).

O jornal *Folha de Caxias*, segundo Silva (2000), divulgava *festins* da população caxiense, por exemplo: notas de falecimento; namoros e casamentos, bem como, aniversários de pessoas ilustres da cidade. Eram noticiadas ainda no veículo em apreço, as festas religiosas, acompanhadas por um pequeno calendário indicando as atrações em cada noite de festividade. Notícias assim eram muito esperadas pelos moradores de Caxias. É pertinente ressaltar que o periódico *Folha de Caxias*, através de suas matérias, apoiou, fortemente, o desenvolvimento cultural da cidade (ALMEIDA, 2019).

Considerando o período histórico no qual o periódico foi fundado, se faz necessário destacar a participação feminina no jornal. O *Folha de Caxias* detinha um espaço para as crônicas de Selene de Maria (pseudônimo para Dinir Silva, esposa de Alderico Silva) que, através de seus textos, fazia defesas ao “necessitado de melhor condição de vida”. São exemplos desse ambiente: críticas, ensaios e poemas e uma coluna social em que a referida articulista expunha suas ideias.

Outra autora do periódico *Folha de Caxias*, foi Katerine, a qual escrevia conteúdos voltados para o público feminino, demonstrando que, dessa forma, embora predominasse o elemento masculino, havia espaço para a atuação das mulheres, de modo que, mesmo com

pequena participação, quando comparada aos homens, as mulheres também escreviam no jornal *Folha de Caxias*.

A partir da análise do periódico, nota-se uma influência muito relevante dos escritos de Selene de Maria sobre o público feminino, tanto no que diz respeito à maneira de vestir, quanto aos outros assuntos destinados à mulher, tais como: culinária, educação dos filhos, o cuidado com o lar. A figura 1 mostra uma nota sobre uma conversa entre Selene de Maria e uma amiga, a qual revela acompanhar os escritos da colunista:

Figura 01: Nota da coluna “Minhas Histórias” por Selene de Maria.



Fonte: Jornal *Folha de Caxias*, 1966, p.3.

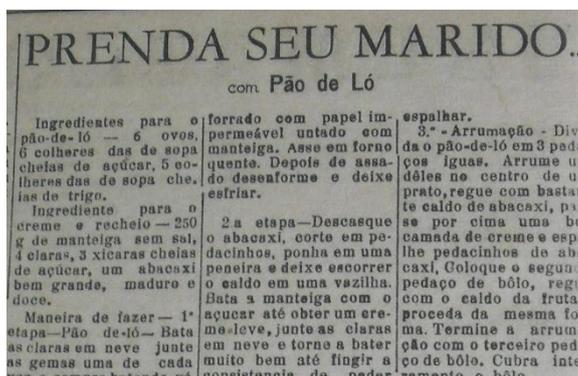
Apesar do alcance, a mesma nota traz informação sobre a falta de interesse por parte das mulheres nos assuntos relacionados à cidade, ao estado e ao país, bem como, pela leitura em geral. Conforme, relatado na notícia: “<<Calcula que aqui tem gente, uma professora até que afirma não ler nada, inclusive jornal>> (Folha de Caxias, 1966, p.3).

Embora, a participação feminina no periódico seja um grande avanço, percebe-se que há um direcionamento para a tríade mulher-esposa-dona do lar, haja vista, que as colunas mantidas por suas escritoras ensinavam como uma boa dona do lar deveria manter a harmonia em casa. A coluna “Prenda seu Marido”, por exemplo, trazia receitas culinárias que deveriam fazer parte do arsenal da boa esposa. Sampaio (2014) confirma o exposto, ao explicar que no jornal, a mulher para ser considerada uma esposa perfeita deveria dominar as prendas domésticas. Dessa forma, um casamento indelével estaria associado à capacidade feminina de proporcionar um bem-estar aos filhos e ao marido.

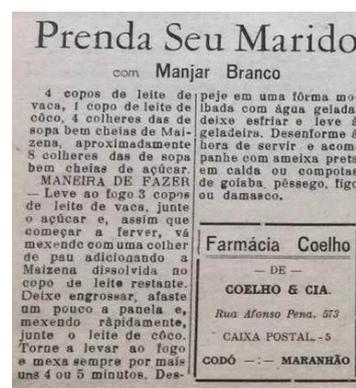
Semelhantemente, Certeau, Giard e Mayol (2011, p. 221) metaforizam as atribuições femininas voltadas para os afazeres domésticos, em que “são as mulheres que descascam as batatas, as cenouras, os nabos, as peras, as laranjas e picam a couve.” Ou seja, qualquer atividade relacionada ao preparo de alimentos, as mulheres sabem fazer e tal proeza aprende-

se desde a mais tenra idade, costumes passados de mãe para filha, “o domínio das mulheres é o da mesa, da comida, da batata”. O exposto pode ser comprovado nas páginas do *Folha de Caxias*, que desde suas primeiras edições manteve a coluna “Prenda seu Marido”, conforme observa-se nas figuras 2 e 3:

Figuras 2 e 3: Notas da coluna “Prenda seu Marido”.



Fonte: Jornal *Folha de Caxias*, 9 jan. 1966.



Fonte: Jornal *Folha de Caxias*, 19 set. 1964.

Percebe-se nas colunas o reforço da ideia de que a mulher precisa saber cozinhar para manter o marido. De acordo com Sampaio (2014, p. 50), esses escritos corroboram o ditado popular “homem se conquista pelo estômago” e aproxima o leitor ou leitora da informação através do uso de metáforas. O jornalismo feminino do período, de maneira geral, apresenta essas características por tratar de assuntos “estritamente femininos”, tais como: moda, beleza, educação dos filhos, culinária. Para Bandeira e Bortoli (2017) é um ramo do jornalismo que marca uma época, define um espaço temporal, a partir das temáticas abordadas, por ser reflexo das transformações pelas quais passa a sociedade, está estritamente ligado ao contexto histórico que cria razões para seu surgimento, além de interferir em cada passo de sua evolução.

A coluna “Prenda seu Marido”, além de ensinar as receitas, abre possibilidades para utilização de produtos industrializados que, naquela época, passam a ganhar mais espaço nos lares brasileiros, permitindo às donas de casa mais facilidade e economia de tempo no preparo das receitas. Consequentemente, as mulheres poderiam se dedicar a outros afazeres, quiçá, possuir um emprego fora de casa para auxiliar no sustento da família. À medida que a tecnologia ia se expandindo, o *Folha de Caxias* passava a acompanhar as novas tendências, trazendo anúncios sobre eletrodomésticos e outros utensílios que formavam o desejo consumista do público feminino, tal qual é ilustrado na Figura 4:

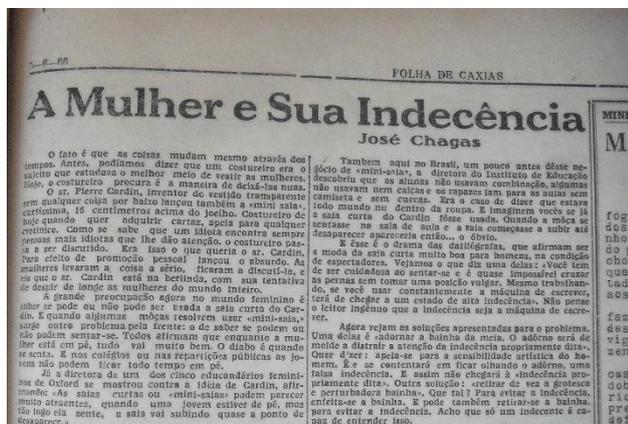
Figura 4: Anúncio Gás Butano.



Fonte: Jornal *Folha de Caxias*, 31 out. 1965, p.2.

Além das colunas escritas por mulheres e para mulheres, é perceptível matérias escritas por homens denunciando os “impropérios” das novas tendências na moda feminina. A exemplo, tem-se a revolta do colunista ao trazer à tona a “indecência” do estilista Pierre Cardin, inventor do vestido transparente e da minissaia de 16 cm acima do joelho. Para o escritor da matéria, a intenção do estilista foi de despir as mulheres do mundo inteiro. O título da matéria generaliza a indecência para toda as mulheres, como forma de anunciar que qualquer mulher vestida assim, estaria transgredindo a moral e os bons costumes da época. A figura 5 traz a notícia em destaque:

Figura 5: Matéria sobre o estilista Pierre Cardin e o vestido transparente.



Fonte: Jornal *Folha de Caxias*, 5 jun. 1966, p. 5.

Para Sampaio (2014), as vestimentas representariam o sinal de elegância ou de indecência, se o jornal ensinava a mulher a adquirir essa elegância, por outro lado, outras notas enfatizavam os cuidados que as mulheres deveriam ter para não se tornarem indecentes e vulgares. Assim sendo, a moda é um mecanismo de fortalecer o padrão que se espera de homens e mulheres e retrata as construções de gênero de cada sociedade. Logo, a moça/mulher de família não poderia aderir a um vestuário inadequado, sob pena de tornar-se vulgar e sem valor. Para as solteiras, um empecilho para a união conjugal; para as casadas um sinal de devassidão, incompatível com o *status quo*. Sempre que uma nova tendência em moda feminina inconcebível aos padrões da época era lançada, o assunto ganhava espaço nas matérias do Folha de Caxias, na figura 6, tem-se a ilustração do exposto:

Figura 6: Nota sobre a matéria “Umbigo de Mulher”.



Fonte: Jornal *Folha de Caxias*, 6 mar. 1966, p.4.

A matéria, veiculada em 06 de março de 1966, revela a total indignação e traz o seguinte discurso:

Umbigo de Mulher

José Chagas

[...] discute-se no Rio uma nova moda chegada de Paris que, [...], procura revelar o máximo de carne, [...] de mulher.

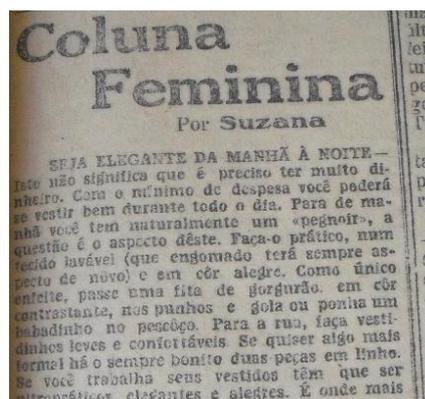
Trata-se de um tal vestido transparente para «soirée» em tule negro, lançado agora por Guy Saint Laurent, costureiro francês. O vestido deixa totalmente à mostra pernas, quadris, cintura, ombros, sendo redobrado apenas no busto e no ventre. Várias pessoas estão revoltadas com a moda que surgiu logo no início da quaresma, quando é necessária a abstinência de carne até para os olhos. Diz a miss Brasil que a mulher deve esconder sempre um pouco mais de carne, para que os homens não acabem perdendo o interesse (...). O teatrólogo Nelson Rodrigues afirma que a mulher, «aderindo à nova moda, está provando que é muito menos inteligente do que parecia, revelando uma vocação suicida para acabar com o amor» (...). Stanislaw Ponte Preta declara por sua vez: «Esse negócio de vestido transparente não tem sentido, é melhor, então, não pôr o vestido» (Jornal *Folha de Caxias*, 6 mar. 1966, p. 4).

Observa-se, pelo tom do escritor, que a nova vestimenta é totalmente repugnante do ponto de vista dos padrões “politicamente corretos” para a época e torna-se ainda mais grave por ter sido lançada no período da quaresma, um dos momentos mais importantes para os cristãos e que representa a “abstinência de carne até mesmo para os olhos”. Percebe-se que, para endossar seus argumentos, o escritor recorre às opiniões de diferentes personalidades: a miss Brasil, Nelson Rodrigues e Stanislaw Ponte Preta. Talvez, o fato mais contraditório, nesse contexto, é a permissividade concedida a uma miss, esta tem sua forma de vestir justificada por sua condição de *miss*, embora defenda que é preciso cobrir um pouco de carne para que os homens não percam o interesse.

Ademais, as matérias escritas por mulheres e para mulheres no *Folha de Caxias* ressaltam justamente como preservar a elegância das vestimentas, enfatizando que para se vestir bem não precisa muito dinheiro, e trazem verdadeiros “rituais” de cuidado com a pele que deveriam iniciar no banho com a utilização de massagens. Depreende-se que a produção jornalística do *Folha de Caxias*, referindo-se à participação feminina, representa ao mesmo tempo a modernização pelo qual a sociedade brasileira passava e a conservação de valores preconizados pelas famílias tradicionais. Observa-se, o protagonismo feminino, no entanto, remete à imagem da mulher o reforço para ser uma boa dona de casa, esposa ideal, responsável pela manutenção da ordem no lar e da educação dos filhos.

A figura 7 retrata a Coluna Feminina “Seja elegante da manhã à noite:

Figura 7: Seja elegante da manhã à noite.



Fonte: Jornal *Folha de Caxias*, 1965.

Destaca-se ainda a influência de Selene de Maria e demais colunistas sobre o público feminino, no que tange à moda e à beleza, evidenciando a preocupação que a mulher deveria

possuir para manter a feminilidade e elegância. Porém, é importante ressaltar que os escritos não se resumiam, apenas a isto, pois foi possível observar que as colunistas também exerceram influência para o despertar na mulher assuntos de interesse local e nacional, bem como a leitura e a escrita, abrindo possibilidades para o ingresso em uma carreira. Nas entrelinhas, o convite, para as fronteiras, era além do ambiente doméstico como desbravar espaços ainda “selvagens”.

Considerações Finais

A análise da produção jornalística do jornal *Folha de Caxias*, entre os anos de 1963 e 1969, aponta para um conteúdo que faz distinção entre os papéis masculinos e femininos. Observa-se que as funções sociais, tanto masculinas quanto femininas, são legitimadas pelos valores cultivados ao longo do tempo no seio das famílias tradicionais. A mulher, representada nas páginas do periódico, é aquela que deve se esforçar para ser uma boa dona de casa, esposa, mãe e responsável pelo bem-estar do marido e filhos, porém é induzida também a contribuir com o sustento da família.

É perceptível que, embora haja a participação feminina na elaboração de matérias opinativas, as que violavam os bons costumes, eram escritas por homens ainda que se destinassem às mulheres, como se fosse necessário um posicionamento masculino para demonstrar que, se assim não o fizessem, estariam sujeitas a “ficarem mal vistas”. Outro aspecto evidenciado, refere-se à participação de mulheres da mais alta classe como colunistas, a exemplo, tem-se Selene de Maria (pseudônimo para Dinir Silva, esposa do industrial Alderico Silva e proprietário do jornal), tal fato chama atenção porque, apesar das pretensões do periódico de tentar atingir todos os públicos, inclusive, a classe média mais baixa mostra o distanciamento social entre fonte de notícia e leitor, considerando que na época uma pequena parcela da população era alfabetizada e possuía o hábito de ler jornal.

Contudo, é inegável a importância da presença feminina no setor, mesmo que a participação tenha se efetivado na transmissão de costumes enraizados, o valor histórico que os escritos feitos por mulheres numa época em que este gênero tinha pouca ou quase nenhuma representatividade, transcendem o *tipo* de conteúdo produzido e se constitui uma fonte de pesquisa que serve para mostrar a forma como vivia a sociedade caxiense. O estudo em questão não se enclausura em seus achados, ao contrário, abre possibilidades para pesquisas

futuras de forma a preencher perguntas que, eventualmente, possam ter ficado sem respostas ou até mesmo propor novas reflexões sobre o assunto.

Referencias

ALMEIDA, Sabrina Silva de. **Práticas e produção jornalística sob a ótica do jornal Folha de Caxias entre os anos de 1963-1970**. 2019. 87 f. Monografia (Licenciatura em História) – Centro de Estudos Superiores de Caxias, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

BANDEIRA, Ana Paula Bornhausen da Silva; BORTOLI, Suzana Rozendo. Jornalismo feminino e sua histórica aproximação com o universo do consumo. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 6, n. 2, jul./dez., 2017, p. 26-41. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6651>. Acesso em: 20 maio 2020.

BANDEIRA, Ana Paula Bornhausen da Silva. **Jornalismo Feminino e Jornalismo Feminista: aproximações e Distanciamentos**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015 Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3943-1.pdf>> Acesso em: 20 de abril de 2020.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. 357 p.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. 10. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011. 372 p.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa, Difel, 1990. _____. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*. Dourados, v.13, nº 24, 2011.

FERREIRA, Lucia M. A. **Representações da sociabilidade feminina na imprensa do século XIX**. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/vol23lucia.php>>. Acesso em: 20 de abril de 2020.

MOURA, Ranielle Leal. **O jornalismo nas narrativas das crônicas de Rachel de Queiroz e Maria Judite de Carvalho**. 2018. 370 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação Arte e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2018.

SAMPAIO, Fernando da Silva. **Projetos de Gênero na Mídia Caxiense**. 2014. 94 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

SILVA, Alderico Jefferson. **Uma viagem com Alderico Silva**. Caxias/MA, Caburé, 2000.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Marcos históricos da inserção das mulheres na imprensa: A conquista da escrita feminina**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar-no-4-outubro-de-2012/Marcos%20historicos%20da%20insercao%20das%20mulheres%20na%20imprensa.pdf>> Acesso em: 20 de abril de 2020.